

## PREFÁCIO

### O MISTERIOSO PODER

O desenvolvimento espantoso que o Espiritismo conhece no Brasil, e que, ainda recentemente, foi posto às claras quando milhares de pessoas se postaram atentas diante do vídeo — até à madrugada — para ver e ouvir o médium Francisco Cândido Xavier nos já célebres (traduzidos até mesmo para o japonês) programas “Pinga Fogo”, da TV Tupi, e que bateram todos os récores de IBOPE no Brasil, capitalizando as atenções com o mesmo febril interesse de especiais acontecimentos, que empolgaram a Humanidade, como o primeiro astronauta pisando o solo lunar; ou nacional, quando o Brasil trouxe para nós a ambicionada Taça Jules Rimet.

E depois vem esse fenômeno, essa catarata de ofícios que o médium recebe, partindo dos executivos de centenas de municípios brasileiros, desejosos de ofertar ao sensitivo-apóstolo o título-honorário de suas cidades...

As culminâncias de um diálogo coletivo entre o homem-bom-de-Pedro Leopoldo e os cadetes da fechadíssima Escola Superior de Guerra...

Os milhões de livros espíritas editados no Brasil, entre os quais 300 mil exemplares do Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, e perto de 150 obras devidas às mãos de Francisco Cândido Xavier, algumas das quais

traduzidas para o Esperanto, o Inglês, o Francês, o Espanhol e o Japonês, num cômputo geral que se aproxima de 3 milhões de exemplares...

A torrente humana que fez parar o Rio de Janeiro quando Francisco Cândido Xavier foi feito cidadão honorário do Estado da Guanabara...

A perplexidade dos livreiros estrangeiros quando, no decorrer da II Bienal Internacional do Livro, realizada no Ibirapuera, ocasião em que Chico Xavier autografou cerca de 10 mil livros num período que mediu entre 14 horas da tarde do domingo e 4 da madrugada da segunda-feira, atendendo a uma fila obstinada de milhares de pacientes e incansáveis candidatos a um autógrafo pessoal...

O sucesso madrugador do livro lançado pelo Promotor Público, Dr. Djalma Lúcio Gabriel Barreto, que viu esgotar-se em dias a primeira edição de "Parapsicologia, Curandeirismo e Lei", com o qual abre a primeira brecha na muralha do Código Penal Brasileiro, buscando defesa e conceituação para os verdadeiros médiuns-curadores — um interesse que tomou, no mundo inteiro, o reino de Esculápio...

O título de cidadão paulista, outorgado pela Assembléia Municipal de São Paulo, e que justifica este livro comemorativo, pois se o Brasil é o país mais espírita do mundo, o Estado de São Paulo é o Estado mais espírita do Brasil...

O interesse de homens de ciências que aportam ansiosos ao nosso país, a sós ou em equipes, representando organizações de conceito universal, como a "Belk Foundation", a "Life Energies Research Inc"...

O Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Charlottesville USA...

O Dr. Hamendra Banerjee, Diretor de Pesquisas do "Instituto Indiano de Parapsicologia", de Jaipur...

O Dr. Lynn Cayce, Presidente da "Association for Research and Enlightenment", de Virginia Beach, USA.

O Dr. Andrija Puharich, da "New York University, Medical Centre", e que recentemente permitiu fosse publicada na revista "Medicine" uma sua conferência a-

companhada de slides, pronunciada na "Stanford University", USA, confirmando a autenticidade das faculdades psíquicas de José Arigó, investigadas por ele e toda uma equipe de médicos, engenheiros, biofísicistas, etc...

Toda essa provocação à investigação, não apenas por cientistas voltados para a denominada "Cinderela das Ciências", a Parapsicologia, mas também por parte de antropólogos e sociólogos, de modo que o ilustre professor Cândido Procópio Ferreira de Camargo, defendeu tese com uma obra mais tarde publicada pela "Biblioteca de Ciências Sociais", sob o título de "Kardecismo e Umbanda"...

E estamos passando por cima de o Governo do Brasil ter emitido tres selos comemorativos de Allan Kardec, um recordando Luiz de Matos e outro Luis O. Teles de Menezes, fundador da imprensa espírita no Brasil...

Vem a propósito perguntar: quem esteve e está dando o "recado" do Espiritismo — e tão bem dado, com tão alto poder de se expressar, — de um lado — e de apreender, de outro, — de modo a que toda gente entendeu e entende, se entusiasmou e se entusiasma cada vez mais, a ponto de um fenômeno esdrúxulo estar em andamento: o país que se diz o mais católico do mundo, é, igualmente o mais espírita do mundo???

E dizemos esdrúxulo porque o catolicismo tem sido, na história da Humanidade, uma espécie de gigante Golias — tal como a Bíblia o pinta —, infenso a pedir e acostumado a mandar, exigir, impor. E veio esse garotão de 100 anos — o que representam 100 anos na história da Humanidade? —, sem querer brigar e se desviando das bordoadas para, usando do seu estilingue certo, arremeter como frutos de entendimento, flores de amor e de tolerância???

Quem foi o autor dessa estratégia? Quem foi?

Quem compreendeu o trabalho renovador de Kardec e soube transmiti-lo de modo tão eficiente? Quem foi que deu a esses "90 milhões em ação" uma obra que, sucinta a 5 volumes básicos, fê-la tão entendível, tão capaz de convencer, sem insistência, sem imposição, fazendo sorrir e chorar como se tudo no mundo, até a dor, a dificul-



dade, se tornem em glória, de maneira tão acessível, tão lógica, tão pertinente, tão respeitosa das liberdades individuais, tão distante do melífluo bizantinismo das ortodoxias que, passado tão pouco tempo, podem ser contadas a dedo as cidades do Brasil onde não exista, sob a bandeira do Espiritismo e absolutamente sem discriminações de raça, religião ou cor, o seu albergue, a sua creche, o seu Hospital Psiquiátrico, a sua sopa aos pobres, as suas casas de orações, nas quais a atmosfera é AMOR e a finalidade ensinar a viver ou a ministrar misteriosos fluidos do homem em favor do alívio do sofrimento humano?

Quem criou esse exército de simões-cirineus que, invariavelmente, se encontram para estudar os Evangelhos legados por Cristo, magnetizar a água pura e providenciar o possível para os corpos e os espíritos?

Quem tornou a literatura brasileira notável na história da Humanidade pelo fato inédito de um único homem ser capaz de produzir através de uma faculdade que se conhece em sua manifestação, porém não em seu modus operandi —, centenas de milhares de páginas, em prosa ou em verso, escritas por mãos que, de acordo com o "senso comum", estão incapazes de prosseguir em suas tarefas literárias pelo fato de se terem imobilizado e enregelado pelo frio da morte?

Quem foi? Quem foi?

\* \* \*

Diz-se que no Brasil cada vez lê-se mais.

E, sem sombra de dúvida, naturalmente pondo-se de lado as Faculdades com seus seminários, estudos em grupo, etc, os espíritas constituem nas comunidades as platóias que, com maior boa vontade e mais habitualmente, se reúnem para o adentramento de temas, a pesquisa, a análise, o diálogo inagressivo, e isto porque o Espiritismo é, essencialmente, "algo para ser discutido e não para ser pregado", uma vez que, conforme o dizer de Kardec, ele caminha com as ciências, sem dogmas nem artigos de fé, impostos sob quaisquer ameaças de pena. Desse desfazimento de mistérios já sucedeu de assistirmos — tendo sido sorteado para o estudo da noite o "Não julgueis para não

serdes julgados", na reunião de estudos da Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba —, aos esforços e à argumentação candente de um juiz experiente e que se sentia, "pour cause" na obrigação de defender o "direito" e a "necessidade" do julgamento, mas tendo pela frente uma serena e discordante opinião, contrapondo-lhe as injunções inabituais do criticismo e do acriticismo.

Em quase toda a sua maioria, essas pessoas tinham lido, pois o Espiritismo, sendo Filosofia, Ciência e Religião, empurra gentilmente as criaturas a adquirirem recursos para "enfrentar a razão face a face, em todos os tempos da Humanidade". E sendo aqueles argumentadores, em sua maioria, saídos das classes média ou pobre — e por isso obrigadas às jornadas legais de 8 horas para o ganhão —, tinham necessidade de ler através de um método de assimilação rápida que lhes oferecesse o máximo no menor espaço de tempo possível, aprendendo, por compensação, muito mais depressa do que os leitores comuns ou os membros de outras denominações religiosas, — aquele grupo, digo, servia de amostragem a uma multidão que cresce dia-a-dia e chega a constituir, para certos "interesses criados" uma espécie de alarme, conforme bem o demonstrou num domingo de certo mês nos fins do ano passado, um jornal paulista antigo e teso como um bastião de vidro: o "Estadão".

Ora, voltamos a perguntar: quem foi que soube e pode manipular, transferindo-a, essa maneira de assimilação tão rápida, antecipar esse método que hoje se tem por "moderno" — antecipando-o desde os idos de 1937 —, levando os leitores a uma assimilação tão imediata e, mais do que isto... como diremos?... contagiante?

O alarme do jornal citado e, além dele, de certas individualidades e instituições, aconteceu porque, inesperadamente, tomou-se conhecimento da existência do Professor François Richaudeau, Coordenador do Centro de Estudos e Promoção da Leitura, de Paris, e de seu trabalho na revista Comunicação e Linguagem, e de um seu livro, de fundamental valor na história da percepção dinâmica: "A Legibilidade". Ele fez entender que as elites serão comandadas pelas pessoas que SOUBEREM O QUE LER, que



souberem COMO LER, mesmo pondo de lado que o façam em velocidades diferentes.

Ora, já há alguns anos, "alguém" sabia como manipular essa metodologia de assimilação, "alguém" que antecipou esse método "moderno", levando os leitores a uma assimilação tão rápida quanto possível.

Diz-se no organismo fundamental do Espiritismo, que o verdadeiro espírita é aquele que se distingue por sua modificação íntima. Essa modificação íntima — ousamos dizer — que vem "de fora para dentro" como um doloroso parto às avessas, e se expressa partindo "de dentro para fora", em agradáveis e felizes demonstrações, em parte é fruto do exemplo assistido ao vivo, áudio e visual, mas a "leitura que faz aprender rapidamente" tem um fator preponderante e que leva os espíritas como que intuitivamente a se entredizerem: "Estudai! Estudai!"

Todavia, quem foi que soube fazer correr as peças desse jogo de xadrez, esse método de assimilação tão rápido e oferecendo resultados tão imediatos. Quem foi?

\* \* \*

Em 1931, é possível que ninguém no Brasil cogitasse em "leitura ou escrita psico-dinâmica". E se tal ocorria nos meios intelectuais dos grandes centros, o que se esperaria de uma pequenina cidade perdida entre as montanhas de Minas, distanciada milhas e milhas de Paris? Dentro das idéias que nós espíritas, hoje laboramos, podemos admitir que — vamos dizer, havia-se "idealizado" (em termos platônicos) — um Centro de Estudos e Promoção da Leitura que poderia existir no denominado Mundo Espiritual. Todavia, a notícia dessa existência — se por alguém poderia ser dada, seria pelo espírito de André Luiz. Essa entidade, entretanto, ainda não fizera o seu glorioso "début" e, ainda, em sentido platônico, a ninguém ocorreria que um Centro de Estudos pudesse ser guindado para a superfície terrestre.

Mas, o trabalho havia começado e alguém estava a postos. Francisco Cândido Xavier, médium brasileiro de fama universal, "viu-o". A narrativa chegou aos pósteros da seguinte maneira:

"Lembro-me de que, em 1931, numa de nossas reuniões habituais, vi a meu lado, pela primeira vez, o bondoso espírito de Emmanuel. (F. C. Xavier, "Emmanuel" — Dissertações Mediúnicas — FEB, 1938, 2.<sup>a</sup> edição, pag. 15).

"Desde 1933 — depõe Francisco Cândido Xavier —, Emmanuel tem produzido por meu intermédio, as mais variadas páginas sobre os mais variados assuntos. Solicitado por confrades nossos para se pronunciar sobre esta ou aquela questão, noto-lhe sempre o mais alto grau de tolerância, afabilidade e doçura, tratando sempre todos os problemas com o máximo respeito pela liberdade e pelas idéias dos outros."

\* \* \*

Há anos estamos colecionando mensagens do Espírito de Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier e que se encontram neste volume por estarem ainda sem publicação em livro. Colecionava eu o volante a cada vez que, com maestria e singular inteligência, totalmente despidido de qualquer sofisticação, o admirável espírito abordava um ângulo interpretativo do caleidoscópio da vida.

Eis, porém que o livro, "A Legibilidade", de François Richaudeau e alguns números da revista "Comunicação e Linguagem", me vieram ter às mãos. E minha surpresa foi indescritível ao verificar que, já nos idos de 1937, o Espírito de Emmanuel empregava a metodologia descoberta por Richaudeau, levando conseqüentemente, o leitor à leitura dinâmica que, por sua vez, motivou os surtos crescentes de progresso que o Espiritismo apresenta em nosso país, e que não podem ser comparados a nenhum, em qualquer outra nação da Terra, inclusive a própria França.

Quando contei o fato ao médium Chico Xavier, o choque de surpresa que ele recebeu, não foi menor do que o meu. Não achou mais do que a sua expressão honesta e inocente de criança, "às quais pertence o Reino dos Céus", para exclamar:

— Oh! Gente! Mas que é isso!!!

Expliquei-lhe por alto do que se tratava, e agora que tenho a oportunidade de publicar este livro lindo, que mar-



ca um momento na bibliografia psicográfica do médium através do aproveitamento de *fleashes* de Gustavo Doré, o genial artista francês, julgo por bem deixar que o leitor também estude as lições contidas em cada mensagem, confiando em sua inteligência para a fixação do quanto de oportuno e indispensável Richaudeau-Emmanuel nos têm a oferecer.

Antes de ir mais longe, devo explicar ao leitor que a escolha dos flagrantes de Doré interessou-nos vivamente porque eles contêm a atmosfera psíquica, os personagens e os cenários que tão habilmente o artista soube captar à leitura dos Evangelhos, cujas pequeninas "chaves" imensas em sabedoria, o autor-espírito desdobra ao entendimento humano.

\* \* \*

Quanto a Richaudeau, é preciso dizer que a sua obra é fundamental na história da Percepção Dinâmica — o que vem provar, como foi previsto, que o Espiritismo vai caminhando passo a passo com os avanços da ciência.

A proliferação dos computadores, dos aparelhos eletrônicos de sistematização, certamente provocará uma diversificação no processo da leitura. Richaudeau diz o seguinte: "Nossos olhos, comandados pelo cérebro, se tornarão instrumentos de uma pequena caixa de velocidade. Existirão textos para serem lidos com primeiro interesse, com segundo interesse, e assim por diante. Os mais hábeis, como os automóveis mais potentes, conseguirão ampliar sua potencialidade até seis ou sete estágios de leitura".

Em última análise, o leitor do futuro regularizará seus olhos de acordo com suas necessidades, com a importância de cada mensagem, e, principalmente, com o tempo.

Em 1830 Lamartine disse que a proliferação do jornal e o desenvolvimento de sua distribuição, representavam o fim do livro, da cultura do livro. Há 20 anos se anuncia a morte do livro e da palavra impressa, sob todos os pontos-de-vista.

Ora, nunca se venderam tantos livros, seja nos Estados Unidos, na União Soviética, seja no Brasil — como nestes 20 anos. Quem defende a civilização da imagem e,

conseqüentemente, do som, se esquece de um detalhe muito simples e fundamental: mesmo que o homem consiga falar à velocidade de 9 mil palavras por hora, sempre conseguirá ler à razão de 27 mil palavras por hora — três vezes mais depressa. Um leitor rápido dobra facilmente essa marca. Melhor ainda: esses números se referem à leitura integral. Numa leitura seletiva, a taxa de informações se multiplica por dois ou três. Assim, parece evidente que a leitura deva se manter como meio de aquisição, aprendizado, assimilação, por mais tempo, e num tempo de duração superior a qualquer sistema audio-visual.

O Espírito de André Luiz já nos conta que, em certas esferas do Mundo Espiritual, o processo de leitura, em alguns casos, é uma verdadeira tela de TV, mosaico capaz de englobar, ao mesmo tempo, informações simultâneas de toda uma sociedade em ação.

Um encontro mais íntimo com a prosa ou o verso do Espírito de Emmanuel, nos faz ver que a leitura, pelo contrário, requer sobretudo uma certa formação cultural, que pode ser patrimônio até de outras vidas transcorridas na Terra ou estágios em certas instituições do Mundo Invisível. E as pessoas que sabem adquirir seu conhecimento através dele, têm condições de acumular dezenas de vezes mais informações do que as que apenas usam os audiovisuais. Desse modo, aqueles que já sabem como ler, permanecerão sempre mais cultos e mais preparados do que os partidários dos audiovisuais — e a trágica segregação, intelectual e cultural — entrevista em um filme de ficção científica, "Fahrenheit 8", talvez já exista em nossa sociedade de consumo, em nossa civilização da abundância.

Depois disso, o leitor poderá querer saber em que consiste a "leitura" e o que acontece quando se lê.

Os cientistas especializados nos informam que se conhece muito pouco sobre o mecanismo da visão. E alguns deles chegam a avançar para o domínio ainda mais misterioso da visão extra-retiniana, ou a desconfiar que a pele humana é dotada de células fotoelétricas. E o que menos se sabe é acerca das relações entre a visão e as funções mentais. A retina, que envolve o fundo do olho e percebe as imagens, pode ser considerada como uma ex-



crescência do cérebro — que se projeta e é sensível à luz. Ela conserva células cerebrais típicas que, colocadas entre as células receptivas da luz e o nervo óptico, modificam grandemente a atividade dos centros receptivos: os "cones", que permitem a percepção das cores, e os "bastonetes", que autorizam a visão monocromática (os tons de preto, cinza e branco).

Somente a parte central da retina garante uma visão detalhada e precisa do objeto observado. Na parte posterior do cérebro, numa zona chamada "área estriada", os neurólogos localizaram a "área de projeção visual": quando um eletrodo estimula alguma parte dessa região, acredita-se ver um clarão.

Alguns estudiosos acreditam que o olho percebe um grupo de letras, sinais, símbolos, e seleciona o que lhe interessa através de uma percepção global, comparável à projeção de uma imagem qual uma tela de cinema. Outros pensam que seja como a percepção detalhada que se tem diante da tela de TV, permanentemente percorrida por um pincel de eletrons, cujo movimento faz reconstituir as imagens transmitidas. E há ainda quem pense que os neurônios da "área de projeção visual" estejam diretamente ligados aos 10 bilhões de neurônios que compõem todo o cérebro, principalmente os que fazem os circuitos da memória. No fim das contas, nem mesmo os pesquisadores mais avançados encontraram respostas melhores que as suposições, ou que as hipóteses, ainda completamente aleatórias.

O Espírito de Emmanuel, entretanto, parece já saber que o processo visual de um leitor não é contínuo. Pode-se acreditar que ele siga um caminho normal: primeiro, na primeira linha, depois na segunda e assim por diante. O olho usa, para ler, movimentos bruscos: fixa-se em média durante um quarto de segundo sobre um trecho de texto; lê efetivamente durante outro quarto de segundo; faz um movimento de deslocamento, sem nada ler, por 1/50 segundos; e se fixa, novamente, um quarto de segundo, iniciando um novo ciclo.

O olho do leitor rápido não segue esse processo mais rapidamente do que o olho do leitor lento. Ao contrário, o ponto de fixação é sempre constante.

Emmanuel parece conhecer que o que distingue realmente os leitores rápidos dos lentos, é que, durante essa fixação de um quarto de segundo, o olho e os prolongamentos nervosos dos rápidos, apreendem, decifram, lêem uma quantidade maior que a dos lentos.

Richaudeau chamaria a isso de "transformação de rapidez".

Esta é, por exemplo, a leitura integral que se faz de um romance, de uma obra literária qualquer. Mas existe também a leitura seletiva, a leitura de um jornal, de uma revista técnica. Nesses casos, o olho percorre mais rapidamente o texto, restringindo-se a verificar se ele está ordenado, limitando-se a reter as informações que lhe interessam momentaneamente. Essa leitura seletiva sempre existiu — e foi qualificada como "leitura em diagonal". Mas ainda existem pessoas, lentas, que lêem em voz alta ou sussurrando o texto. A velocidade de leitura dessas pessoas é exatamente igual à sua velocidade de palavras: em média, 9 mil palavras, 50 mil sinais por hora. Um processo evidentemente ineficaz: um leitor rápido pode decifrar até 60 mil palavras por hora. Além disso, quando se soletra o texto em voz alta, palavra por palavra, no fim da frase já se esqueceu o começo da proposição — não se podendo compreendê-la e muito menos gravá-la. A leitura rápida, todavia, domina uma continuidade importante de palavras e até de frases, assimilando melhor as ligações entre as informações sucessivas. Ela penetra melhor no pensamento do autor e dele deduz idéias encadeadas, mais coerentes, como é o caso das mensagens inseridas neste livro.

Como já está provado que não se retém senão associações de noções ligadas entre si por um fio condutor, o leitor rápido memoriza melhor. Transformação de rapidez é exatamente a potencialidade que um leitor tem para ler dinamicamente e ao mesmo tempo assimilar o que leu, coordenando as frases e as idéias expressas. Sem isso, é melhor ler em voz alta e não aprender nada.

O Espírito de Emmanuel parece cuidar mais especialmente da seletiva, consistindo esta em procurar certas palavras ou certas frases que possam interessar mais particularmente o leitor. Quando procuramos um número na lis-



ta telefônica, por exemplo, nossos olhos correm sobre os nomes, sem ler nenhum deles. Eles não se deixam prender senão por um grupo de letras ou por um amontoado de nomes familiares. Outro exemplo: nós estamos interessados por grupos de palavras, aqueles que os linguistas chamam "palavras-chave", essencialmente os sujeitos, os verbos, secos e breves, indefectíveis. De qualquer forma o bom leitor é o que possui um bom rendimento entre as informações que deseja conseguir reter.

É o caso das mensagens serem sempre breves e sintéticas.

Mede-se esse rendimento fazendo com que uma pessoa leia textos dos quais foi eliminada uma palavra sobre cinco.

Quem consegue ler dinamicamente um texto e apreender, no mínimo, 50% de seu sentido, estará no caminho certo. O resto é apenas treinamento. Em outras palavras, um bom leitor dinâmico consegue entender um texto passando os olhos apenas por uma palavra em cada duas. Isso no plano da informação pura. Ninguém pode pensar que essa medida sirva, por exemplo, ao "Ulysses", de Joyce, montado basicamente sobre as palavras e não sobre um conjunto delas.

Outra pergunta que pode ser levantada é a seguinte: Há, em relação ao Espiritismo no Brasil, um escopo tão alto que, encontrado o médium em Chico Xavier, pôde-se, no Além, proceder a uma espécie de "peneiramento", isto é, a um processo quase científico permitindo ao leitor reter somente o útil, deixando de lado o supérfluo?

É quase certo que sim. Essa técnica só é comparável à filtragem de sons feita pelos técnicos de rádio e discos, tal o refinamento do médium. Extraíamos a mensagem de um trecho de música e eliminemos os sons agudos e os graves. Apenas quando conseguirmos perceber perfeitamente a marcação rítmica, reconheceremos os últimos restos da harmonia eliminada. E, nesse caso, a música perde todo o caráter estético. É o mesmo caso do "Ulysses".

Dia virá em que os editores e impressores — é possível que tal se faça, por exemplo, na França — façam ques-

tão fechada de saber como compor as páginas de cada livro, para que o leitor tome conhecimento das idéias contidas nele com um máximo de eficácia e prazer.

Estamos tentando aplicar o Gestalt em Matão, mas a legibilidade parece ser uma escala à parte, a aptidão que um texto possui para se comunicar com o leitor num amplo índice de assimilação.

Esse cuidado, a bem da verdade, não é preciso termos em relação à obra do Espírito de Emmanuel. Nos demais, todavia, a eficácia, a assimilação englobam muitos fatores: a noção de fadiga, por exemplo; a noção de tempo disponível; a noção de compreensão; e, sobretudo, a noção de memorização. Nada adianta compreender um texto que se esquece cinco minutos depois. Principalmente em se tratando da mensagem espírita. E a eficácia engloba também a noção de afetividade: é preciso que a maneira pela qual o texto é escrito e composto não seja enfadonha para o leitor.

As experiências comprovaram que, com exceção dos estilos tipográficos não costumeiros, como o gótico por exemplo, não se constata diferenças de velocidade entre os textos compostos com caracteres diferentes — sejam tipos magros ou gordos, modernos ou tradicionais, com saliências nas bases ou não.

O olho do leitor não sente as diferenças das múltiplas variações de desenho de cada letra. Os técnicos acham que deveria existir um estilo tipográfico para os leitores rápidos.

O exame das mensagens contidas neste livro confirmam um fato que já foi comprovado pelos técnicos: que só a parte superior do texto impresso traz efetivamente a mensagem que deve ser lida. Então, perguntam, e entre eles o próprio Richaudeau, por que não criar letras novas, onde só sobrevivem os pontos essenciais de cada uma?

Richaudeau ensina que o que existe de importante na leitura, não é o que está escrito, mas o que deve ser lido. Nos Estados Unidos já se fazem cursos especiais nas escolas de jornalismo, onde os especialistas em leitura rápida analisam os textos dos futuros profissionais da Imprensa, sugerindo novas construções e novas técnicas. E-



les constatarem por exemplo, que o início da mensagem e o início da primeira subfrase — aqui convidamos o leitor ao exame das mensagens publicadas neste livro —, são mais bem retidas na memória do que os finais. Ou seja, constatarem que as informações essenciais devem ficar, sempre, no começo de cada sentença. Pode ser que, literariamente, a melhor informação caiba melhor no fim da página. E o leitor pensará: "Que bonita construção literária!" Mas, pelo menos uma vez em quatro, ele se esquecerá rapidamente da informação que tal frase continha.

Isto não significa que as leituras sejam simplesmente de fatos, sem rodeios ou enfeites. Não é preciso exagerar. Quando os floreios, as variações, os enfeites são escritos por homens de talento, o texto marca um estilo. Todavia, nas publicações técnicas, e em 75% da vida cotidiana, é preciso ser realista, ou fatal.

Na literatura, e em alguns casos até mesmo na Imprensa, os profissionais criadores de talentos não precisam ser rígidos. Embora seja conveniente que eles tenham noção de certas regras básicas. Um autor que não admite limitações psico-linguísticas, para Richaudeau, é como um arquiteto que faz casas seguindo regras geométricas. Por não perceber as qualidades estéticas de sua obra, ele construirá gigantescas escadarias de mármore róseo, onde os degraus terão mais de um metro cada um. E, para entrar na casa, o proprietário será obrigado a levar pranchas, tijolos, transformar a própria escada. Em outras palavras: uma vez que os autores se recusam a tomar conhecimento de regras básicas, o mesmo fenômeno se reproduz — o leitor não consegue ler, fica psicologicamente impedido de assimilar as informações que o texto apresenta. Ou, quando consegue ler, o que entende é muito diferente do que está escrito.

Poderia isso originar uma confusão literária?

Não existem conseqüências, mas sim traição. E o responsável por essa traição é precisamente o autor. Há muitos anos Richaudeau vem falando em leitura dinâmica — e seus compatriotas franceses passaram todos esses anos chamando-o de iconoclasta, destruidor de cultura. Hoje, porém, os próprios membros dos corpos de ensino das

escolas francesas, reconhecem a validade do método. Ele foi testado, aprovado, e por sua defesa Richaudeau ganhou louvores do Instituto Pedagógico Nacional da França. Foi o primeiro editor a publicar princípios de leitura dinâmica em livros de bolso, aliás muito bem vendidos. Nos Estados Unidos a leitura dinâmica é ensinada correntemente nas escolas, e muitos especialistas confirmam que o seu aprendizado é extremamente valioso para os adultos. Melhor ainda com as crianças, pois elas são maleáveis, infinitamente mais abertas a novas experiências.

As experiências demonstram que entre 8 e 12 anos, o aproveitamento da leitura dinâmica é, praticamente, integral. Aos 15 anos, nos cursos vocacionais, nos períodos de preparação para os vestibulares às Universidades, chega o tempo de se ensinarem as vantagens da leitura seletiva. Não é absolutamente preciso aprender, ao mesmo tempo, a leitura dinâmica integral e a leitura simplesmente seletiva.

Para Richaudeau e para muitos especialistas em comunicação de massa, a leitura rápida é uma técnica indispensável ao homem moderno, pois ela é a única maneira de se resolver o problema da concorrência entre os processos audio-visuais de comunicação e o livro e o jornal.

E o que pode ser mais básico, mais elementar, na formação cultural e espiritual de um homem do que o livro, com seu retrato detalhado da história passada, ou o jornal com o seu flagrante instantâneo e permanente da própria sociedade em ação?

Este livro, acompanhado pela nossa despretentiosa visão de um tão largo espectro, vem provar, através da leitura da psicografia de Emmanuel que, se no Alto o Espiritismo caminha com as ciências, melhor e maior cuidado é dispensado ao homem-novo, que caminha rasgando os falsos véus do Templo, muito lhe é dado, e com extremo cuidado. E muito bom seria que ele soubesse tirar o máximo partido de quanto os portadores do Mundo Maior lhe põem entre as mãos, pois só agora estão aprendendo a segurar bem firme o evangélico rabiço do arado.

Wallace Leal V. Rodrigues  
Araraquara, 1973